

como faz Inamar Botêlho. É preciso aproveitar a sua base cultural como suporte de um projeto de desenvolvimento sustentável. Já a criação do Parque Estadual de Canudos objetivou o funcionamento de museu, laboratório de arqueologia, estação experimental de agronomia, estação de meteorologia, escolas experimentais e outras instituições relacionadas com a preservação da área (Decreto n.º 33.333, de 30 de junho de 1986).

Explorando a vertente ecológica, o coordenador do Centro de Estudos Euclides da Cunha, engenheiro agrônomo Luiz Paulo Almeida Neiva, considera a fragilidade do ecossistema em recursos naturais e a potencialidade do pólo histórico atrativo na formulação de um projeto com base em três enfoques: o desenvolvimento sustentável, a educação participativa e o planejamento municipal e comunitário. "A interiorização do desenvolvimento embora uma aspiração de longa data, assume contornos mais definidos a partir do pacto político estabelecido com a Constituição de 1988". O próprio CEEC elaborou o *Plano de Desenvolvimento Municipal sustentável de Canudos*.

Visualizando Canudos, histórica e ecologicamente, a instalação do município e a criação do Parque Estadual, ambos em 1986, permitiram novas tomadas de posição e ações, que atraem encontros e discussões devendo ensejar a formulação de políticas. Antes, Mário Vargas Llosa internacionalizou Canudos com *A Guerra do Fim do Mundo*. E o centenário da guerra fratricida motiva estudos, publicações e construções de estrada e memorial. Se Canudos tem um ecossistema frágil mas tem história, conta contudo com alternativas para utilização dos recursos existentes, a exemplo da pesca, da cultura do caprino e do turismo associado ao parque. Há muito que fazer para retirar Canudos da faixa de pobreza, contando com o desenvolvimento sustentável da sua própria comunidade, com a presença da Uneb, da administração estadual e talvez do governo da União

Edivaldo M. Boaventura

CANUDOS - NOTAS ANTIGAS

José Calasans
Prof. da Universidade Federal da Bahia
e Prof. Emérito da UNEB

O Conselheiro no Cumbe

O Coronel Durval Vieira de Aguiar, oficial da policia baiana e autor do interessante livro **Descrições Práticas da Província da Bahia**, deixou uma boa página informativa a respeito do seu encontro com Antônio Conselheiro na localidade Cumbe, hoje cidade Euclides da Cunha, onde o peregrino estava construindo uma pequena igreja. Por ocasião do cinquentenário da elevação de Euclides da Cunha à cidade, tivemos oportunidade de pronunciar, no local, uma palestra recordando o tempo da Guerra de Canudos. O templo, digamos logo, não é mais a capelinha dos anos 80 do século passado, que foi derrubada para a construção da nova matriz, erguida em parte, no mesmo terreno onde o Bom Jesus Conselheiro levantou a primitiva e simples construção. Aliás, como já tivemos ocasião de registrar, segundo o jagunço Manuel Ciriaco, a primeira edificação fora obra de um outro Conselheiro, de nome Francisco que também pregou e levantou igrejas nos sertões baianos. Deixemos, porém, para depois a divulgação de notícias relativas ao Conselheiro Francisco, que era um homem alegre,

Rev. Canudos, Salvador, UNEB, v.2 n.2, 1997

folgazão, conforme o já citado Ciriaco, sobrevivente da Guerra, que conhecemos na segunda Canudos, destruída, pelas águas do açude de Cocorobó, como a primeira fora liquidada pelo fogo ateados nos dias trágicos de 1897. Interessa-nos, agora, registrar informações colhidas na cidade sertaneja a propósito da guerra e de alguns dos combatentes.

Recolhemos o depoimento de João Siqueira Santos, sertanejo loquaz, lido e corrido, que conheceu um bom número de sobreviventes, tanto em Massacarã como no Cumbe. Mora, atualmente, numa casa situada perto da igreja, onde ficou hospedado Moreira César. Afirma que realmente o padre Vicente Sabino dos Santos, vigário da Freguesia, foi humilhado pelo temperamental comandante da 3ª expedição, tendo interferido ao seu favor, o coronel Pedro Tamarindo. O coronel César acusava o sacerdote de ser aliado e protetor dos conselheiristas, porque ia a Canudos prestar assistência religiosa aos jagunços, que era seus paroquianos. A respeito da construção da igreja, João Siqueira informa que trabalharam na sua construção os mestres de obras Cassiano Luiz e José Antonino.

Muitos episódios da sangrenta luta sertaneja me foram referidos pelo criterioso informante. Vamos registrar alguns. Vicentão, de quem já falamos em crônica anterior, homem de cor, conhecido pelas suas violências, era do local Serra Vermelha. Desfeiteou o negociante Jesuino Lima, que mascateava no Belo Monte, pegando na sua barba, em tom agressivo. Durante a guerra, Jesuino, servindo às forças do Governo, manifestava o desejo de se vingar da afronta sofrida. Quando, já no término da luta, Vicentão caiu prisioneiro, o General Arthur Oscar, que sabia da vontade do “Capitão Jagunço”, mandou chamá-lo e disse, apontando o prisioneiro: “seu biscoito tá aqui”. Vicentão foi um dos degolados... Contou-me também haver conhecido Manuel Francisco, jagunço que enterrara o Conselheiro, três dias após a morte do Santo. Esperaram sua ressurreição. O cadáver, porém, catingava muito decorridos os dias de espera. Teve que ser mesmo sepultado no santuário, onde o bom Jesus morava.

Viana e Luís Marancó

Recente viagem ao povoado de Masseté, proporcionou-me o ensejo de conhecer melhor a vida de dois adeptos do Bom Jesus Conselheiro, cujos nomes não foram incluídos na série “Quase biografias de jagunços”. Viana e Luís Marancó, gente de Masseté, onde se travou, em maio de 1893, o primeiro choque armado entre a força policial da Bahia e o séquito de Santo Conselheiro, estão mencionados num trabalho do dr. Salomão de Souza Dantas, promotor público de Monte Santo na época do episódio sangrento. Devo as informações, aqui agora divulgadas, a dois lúcidos sertanejos, velhos moradores de Masseté, Evaristo Rodrigues da Silva e Possidônio Aniceto da Costa e à jovem Maria José dos Reis Araújo, com os quais conversei no povoado, outrora território do município de Tucano. Os três me transmitiram informes guardados na tradição. Coincidem, circunstância que valoriza, historicamente, os depoimentos.

O “tal Viana”, em cuja casa estava hospedado Antônio Conselheiro, numa posição, elevada à margem do riacho Masseté chamava-se Severiano Bispo da Silva. Viana era alcunha. Homem de alguns recursos, viveu muitos anos após a refrega de 93, não tendo acompanhado os jagunços na caminhada para Canudos. Solteirão, deixou um filho bastardo, José Ricardo da Costa, com inúmeros descendentes. Conheci um deles, Manuel Correia dos Santos, morador no Jorro, que, gentilmente, me acompanhou até Masseté, um povoado mui simpático, assentado no chão histórico das lutas conselheiristas. Sua filha Maisa, menina de nove anos, vivaz, entusiástica da sua terra berço, cantarolava, durante a viagem:

Esso, isso, isso

Masseté é um sucesso.

O velho Viana deixou fama de homem sério, bom, trabalhador. O mesmo não sucede com Luís Marancó, vaqueiro da fazenda Olhos d'Água, perto do local onde se travou o combate. Provinha, de longe, parece que de Patamutê. Já trouxera o apelido de Marancó, devido a

propriedade onde nascera ou trabalhara. Pessoa de “maus bofes”, violenta, perversa. A fazenda Olhos d’Água pertencia ao dr. Passinho, parente do barão de Jeremoabo. Ai Luis Marancó mandava e desmandava. Suas atrocidades ficaram famosas. Agredia pelo prazer de agredir. Surrava de mangual as pessoas que transitavam pelas terras do dr. Passinho, sem nenhum respeito humano. Os viajantes, fugindo das surras, cortavam caminho, inveredando por atalhos distantes da estrada que passava perto da casa do truculento Vaqueiro. **Iam pelas Veredas dos veados**, mofava Marancó. Pelos seus atos de violências, pelos crimes praticados, andou às voltas com a justiça, processado mais de uma vez. Terminou mal os seus dias. Acusado de desvios de gado foi expulso de **Olhos d’Água**, graças à ação enérgica do dr. Rodolfo Passo, irmão do dr. Passinho. Rodolfo, segundo reza a crônica popular, era corajoso e veio pessoalmente destituir o vaqueiro infiel. Consta que terminou seus dias na fazenda Ilha, do coronel José Américo Camelo de Souza Velho, um terrível inimigo de Antônio Conselheiro. Há quem diga que o dono da Ilha **mandou liquidar** o atrevido Luis Marancó. Falou-se isso à boca pequena.

Notícias de Jagunços

João Siqueira Santos, ioiô da professora sobre quem falamos anteriormente, gozou da convivência de vários jagunços, alguns até com muita fama nas tradições conselheiristas. Vamos, nas declarações do bem informado sertanejo, consignar hoje novos fatos que nos foram narrados. Estaremos, assim, aumentando o documento oral sobre a guerra do Belo Monte.

Houve um cabo Daniel, integrante da expedição Moreira César, que caiu prisioneiro dos jagunços. Seu nome, aliás, está referido no folheto do poeta popular Melchiades, cantor da Borborema, combatente de 97, autor de inúmeros livros de cordel. O cabo foi preso por Manuel Quadrado, o “tratador” do Conselheiro, que o entregou a João Abade. O prisioneiro, habilmente, ofereceu seus serviços ao **comandante do povo**, título conferido pela jagunçada ao chefe Abade. Comprometeu-se a ensinar o uso das armas de fogo aos combatentes de

Canudos. Parece que se saiu bem no ensinamento porque não perdeu a vida. Por seu lado, os conselheiristas logo se aproveitaram das lições e passaram a atirar eficientemente contra a tropa comandada por Arthur Oscar. Outro caso que nos foi narrado é o ataque feito contra o coronel José Américo Camelo, senhor da fazenda Ilha, em Massacará. José Américo era o tipo perfeito do anti-conselheirista, tendo ajudado de todas as formas ao seu alcance os soldados republicanos. Coube a Pajeú, negro ardiloso e cruel, corajoso também, a tarefa de atacar as terras do Coronel. Sessenta homens para cumprir a missão. Um afilhado do proprietário, sabendo do projetado ataque, mandou avisar o padrinho, que ficou em Serra Branca, outra de suas fazendas. Chamava-se Justino o homem que deu o aviso salvador, porque os comandados de Pajeú foram implacáveis nas suas vinganças. Incendiaram a Ilha e teriam liquidado o coronel se ele lá estivesse na hora do ataque. Entre os agregados da fazenda, muitos eram seguidores de Antônio Conselheiro e partiram para Canudos, como sucedeu em várias localidades onde a influência do peregrino se fez sentir.

Encontramos em nossa rápida visita à cidade de Euclides da Cunha, nas recordações de muitos dos seus habitantes, a presença dos dias dificilmente vividos nos tempos agitados da campanha de Canudos. Há, evidentemente, condições para valorização da memória local. E é o que pretende fazer, mui acertadamente o prefeito Renato Campos, nosso aluno na Faculdade de Ciências Econômicas, a quem revimos com alegria, nas festividades do cinquentenário da cidade interiorana, que tão bem homenageia o grande escritor de Os Sertões.